

# DESERÇÃO E RESISTÊNCIA DA IDENTIDADE NIGERIANA EM *O MUNDO SE DESPEDAÇA*, DE CHINUA ACHEBE

*Aline Santos de Brito Nascimento*<sup>1</sup>

*Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres*<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo objetiva compreender marcas de resistência da identidade nigeriana a partir da análise da obra *O mundo se despedaça*, do escritor nigeriano Chinua Achebe. Dentre os aspectos teóricos que balizam as análises, estão as discussões acerca dos conceitos de colonialidade, eurocentrismo e reconhecimento, importantes motes para a compreensão da obra. Autor africano nascido em Ogidi, na Nigéria, Achebe transcreve na sua obra o contexto em que ele e seus ancestrais viveram, buscando retratar uma África a partir dela. As análises identificam elementos que representam a deserção de parte do povo igbo, ao se submeter ao “convite” dos colonizadores; e a resistência, ao retratar costumes que ainda são mantidos naquele contexto e ao recuperar o uso de aspectos linguísticos na própria escrita da narrativa.

**Palavras-chave:** resistência; identidade; Nigéria; literatura africana.

*Tenho fome de um nome  
E procuro-o para além dos idiomas  
Como garimpeiro de vozes  
Esgravatando um chão de silêncios.  
(Mia Couto)*

## Introdução

Este artigo aponta dualidades marcantes na obra *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, escritor nigeriano. A obra apresenta diversos duplos, que, por vezes, apresentam características opostas, e, por outras vezes, complementares. Fundamentado num corpo teórico que aborda, dentre outros aspectos, a cultura (Hall, 2003), o colonialismo (Carneiro, 2019), o eurocentrismo (Quijano, 2009) e o reconhecimento

---

1 Doutora em Letras (UFES); Docente Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: abnascimento@uneb.br.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB. Mestre em Letras (Estudos Literários) pela UFES. Docente do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Campus Paulo Freire – da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: rafaeldosprazeres@ufsb.edu.br.

(Fanon, 2008), o estudo objetiva compreender marcas de deserção e resistência nesta obra, que recebeu destaque na literatura africana.

Os aspectos metodológicos desta pesquisa bibliográfica envolvem a coleta e a interpretação de trechos da obra analisada, a fim de identificar as características abordadas na fundamentação teórica e que atendam aos objetivos propostos. Salienta-se que o método, aqui usado, é indutivo, por trazer constatações particulares que levam à elaboração de generalização, funcionando como modelo de pesquisa para outras obras em torno do mesmo contexto, além de ser este um *corpus* que ajuda a compreender a cultura nigeriana como um todo. Os trechos que compõem a amostra, aqui apresentada, passaram por seleção, leitura, fichamento para constituir a análise. Tal coleta de dados partiu da observação exploratória da amostra selecionada.

Visto que este trabalho se configura no íterim dos estudos literários, é mister salientar a importância de se compreender os conceitos aqui mencionados a partir da associação entre ficção e realidade, que oscila entre oposição e complementaridade no contexto da obra analisada (Matos, 2001), a saber, a identidade africana, e mais especificamente o povo *igbo* da Nigéria, principalmente em seu período pré-colonial.

O interesse em torno da pesquisa pode se justificar pela necessidade de se explorar a temática dos estudos africanos, neste caso, a partir da literatura, principalmente pela emergência de maior reconhecimento do potencial criativo de todo o continente africano, que passou por centenas de anos de negação e/ou apagamento. Stuart Hall (2003), em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, explica o que motivou essa tendência de estudos:

Dentro da cultura, a marginalidade embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades, e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (Hall, 2003, p. 338).

Nessa linha de pensamento, Sueli Carneiro (2019), em *Escritos de uma vida*, reivindica o lugar dos povos da África como dotados de culturas, saberes e riquezas próprias, eliminando qualquer possibilidade de justificativa para o comportamento devastador dos defensores do colonialismo. A estudiosa denuncia

um permanente não dito, mas subentendido no posicionamento dos países ocidentais. Para além do objetivo de impedir a aprovação de qualquer proposta que abrisse brechas para reparações, estes também lutavam para impedir a condenação do passado colonial, sobretudo porque isso significaria o questionamento e a crítica aos fundamentos que justificaram o colonialismo e a expansão econômica do Ocidente: (a) a sua suposta superioridade racial e cultural; e (b) a convicção de sua missão civilizatória em relação aos povos considerados inferiores,

ou seja, a certeza de que acordaram os povos da África para a civilização e destinaram os bens ociosos no continente africano para o progresso de toda a humanidade. Entendemos ser a persistência dessas visões um dos condicionantes do fato de que o máximo que as delegações ocidentais se dispuseram a aceitar como desculpas pelo passado colonial foi a admissão de “eventuais males ou excessos” do colonialismo (Carneiro, 2019, p. 172).

Desse modo, a obra suscita uma leitura atenta aos contraditórios que permeiam todas as culturas e que se fazem presentes (e com destaque) em *O mundo se despedaça*. A obra retrata o passado e anuncia um presente colonial que durou oficialmente até os anos 60, na Nigéria, e que ainda apresenta características marcantes e desafiadoras à manutenção da identidade local. Na mesma linha temática, vem a diferença das ações associadas à cultura europeia *versus* cultura africana, visto que a chegada de missionários ingleses é descrita como responsável pelo “despedaçar” do mundo retratado por Achebe, que, não involuntariamente, busca defender sua língua e religião num texto que circula entre a ficção e a realidade. Outro aspecto impactante que a narrativa traz são as disparidades entre o papel do masculino e do feminino na tradição da cultura *igbo*, com suas ações amplamente descritas na obra.

## 2 Colonialidade, eurocentrismo e reconhecimento

Para melhor compreender a obra de Achebe, é importante vislumbrar a que aspectos ela pode ser associada, de acordo com as abordagens temáticas que a mesma possui. A interpretação de uma obra literária também é possível a partir de teorias que resguardam aspectos históricos, filosóficos, linguísticos, culturais, entre outros.

Em primeiro plano, é fundamental refletir sobre o conceito de colonialidade, que ajuda a compreender uma das principais ações que compõem a narrativa, que é a chegada dos missionários ingleses, buscando, na aldeia *igbo*, principalmente adeptos a sua religião, o cristianismo. Aníbal Quijano (2009) associa o tema ao poder e à classificação social, como forma de explicar acerca desse dado socio-histórico.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal [...] (Quijano, 2009, p. 73).

Achebe demonstra conhecer o poder devastador dos colonizadores de seu país, quando traz à sua obra a chegada do estrangeiro e o intitula como o responsável por “despedaçar” o mundo *igbo*, que, na verdade, representa o seu passado pré-colonial, visto que são seus ancestrais. A principal prova disso é que o autor anuncia que

sua escrita representa o povo africano falando de si mesmo, justamente por estar cansado de leituras de obras que tentam representar a África, mas que, com uma visão de fora, as caracterizam como exotismo e são dotadas de preconceito.

Outra questão a ser discutida é que essa colonialidade, que tanto incutiu influências principalmente na África e América, vem de uma mesma origem, a europeia. Isso ajudou a criar uma ideia conhecida como eurocentrismo, que considera a Europa a referência para toda forma de conhecimento, arte, religião, língua, entre outros. Nesse ínterim, Quijano (2009) retrata o eurocentrismo como forma de poder:

Tal como conhecemos historicamente, à escala societal o poder é o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controlo dos seguintes meios de existência social: 1) o trabalho e os seus produtos; 2) dependente da anterior, a 'natureza' e seus recursos de produção; 3) o sexo, os seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjetividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular as suas mudanças (Quijano, 2009, p. 76).

Em suma, colonialidade e eurocentrismo são sinônimos de dominação e regulação, termos que carregam o lado negativo da interação entre os povos, apesar de uma aparente intencionalidade de ser a portadora do saber, da religião, língua e cultura “corretas”. É esse poder autointitulado que o ficcionista Chinua Achebe questiona ao propor uma produção literária sobre a África e de dentro da África, diferentemente do que estava habituado a ler.

Colonizador e colonizado demonstram a constante necessidade de reconhecimento, que está inerente ao ser humano, como aborda Franz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*. No entanto, para o primeiro, o reconhecimento se dá pela imposição, enquanto que, para o segundo, o reconhecimento se dá pela busca do respeito à sua identidade.

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Não há luta aberta entre o branco e o negro.

Um dia o senhor branco reconheceu *sem luta* o preto escravo (Fanon, 2008, p. 180).

Cabe aqui destacar que Fanon incute suas análises com conhecimento de causa, ou lugar de fala, sendo um psicólogo e filósofo negro. Em tom de protesto,

denuncia a forma como o branco impõe seu reconhecimento sobre o outro, o que configura, na verdade, uma forma de subjugar aqueles que consideram diferentes.

### 3 Chinua Achebe de Ogidi, da Nigéria, da África

O contexto em que a obra *O mundo se despedaça* foi produzida configura-se como uma importante chave de interpretação, ao se buscar uma perspectiva historicista de compreensão literária. Como o próprio escritor anuncia, a sua obra descreve uma África a partir de seu interior, na voz de alguém que faz uma escrita de si, por terem ele e seus ancestrais vivido naquele lugar, naquele tempo.

Salienta-se que este estudo acontece num momento é que os olhares têm se voltado para a África numa perspectiva diferente daquela associada diretamente ao colonialismo, buscando menos a exploração e mais o reconhecimento. Nesse sentido, Paulin Hountondji (2009) vem chamar a atenção para as diferentes perspectivas sobre os estudos africanos, que incluem conhecimento de África e conhecimento de africanos:

Quão africanos são os chamados estudos africanos? Por exemplo, por história africana entende-se normalmente o discurso histórico *sobre* a África, e não necessariamente um discurso histórico proveniente da África ou produzido por africanos (Hountondji, 2009, p. 121).

Aqui se destaca justamente a necessidade de espaço a um discurso produzido pelos próprios protagonistas da história, como a narrativa que Achebe propõe. Não que ele não existisse antes dessa “virada de chave” dos estudos acadêmicos em torno do tema, mas fica claro que havia uma priorização de divulgação do conhecimento produzido, principalmente na Europa, o que faz com que o interlocutor tenha acesso a apenas uma das visões possíveis sobre os fatos.

Em se tratando especificamente do contexto nigeriano, a obra *Quilombismo*, de Abdias do Nascimento (1980), vem expor os caracteres da colonização inglesa que dominou parte da África e salienta a mudança de perspectiva, em que

os valores africanos de cultura, religião, língua, filosofia, artes, história, costumes - sistematicamente negados, distorcidos ou subestimados durante o colonialismo inglês - estão sendo reafirmados, recuperados da marginalização, da degradação e da vergonha, reconhecidos e restaurados em suas inerentes e relevantes funções sócio-culturais, numa sociedade nigeriana que progressivamente assegura sua originalidade e soberania (Nascimento, 1980, p. 21).

É a partir dessa nova Nigéria que Achebe lança ao mundo sua obra, pouco antes da independência (ao menos oficial) do país. O vilarejo que compõe o cenário de *O mundo se despedaça* se assemelha ao vilarejo Ogidi, em que viveram seus ancestrais do povo *ibgo* e especificamente seus pais.

**Quinto de seis filhos**, Albert Chinualumogu Achebe nasceu em 1930, no vilarejo de Ogidi, lado oriental de uma Nigéria colonizada pelo império britânico. Sua criação seria invariavelmente marcada por uma inescapável mistura de culturas contrastantes, mas o contexto da vida do menino reforçava essas condições de forma ainda mais peculiar. Àquela altura, famílias privilegiadas como a de Chinua eram educadas em inglês, e o cristianismo – difundido com entusiasmo pelo seu pai, um dos primeiros convertidos daquela região – começava a se alastrar pelo país. Tais circunstâncias não impediam o menino de permanecer avidamente interessado pela religião e cultura dos seus antepassados. Afinal, Chinua e sua família pertenciam à etnia Igbo, um dos maiores e mais tradicionais grupos étnicos da África (Silveira, 2019, p. 13).

Ao conhecer detalhes da vida de Achebe, percebe-se com clareza a forte influência da colonização inglesa já aqui mencionada em seu entorno. O principal fato que demonstra tal característica é a conversão do pai de Achebe ao cristianismo, além do predomínio da língua inglesa sobre os dialetos locais.

Em artigo intitulado “Literatura, imagem e resistência: o mundo se despeça e o resgate das memórias ancestrais”, Alessandra Chagas (2022) confirma as influências de dentro e de fora da África que contribuíram para a formação do autor aqui estudado. Em resumo, são três principais momentos históricos que demarcam grandes mudanças na vida dos nigerianos, e que são representados na obra de Achebe: a tradicional cultura *igbo* pré-colonial, a chegada da colonização inglesa e a retomada identitária após as lutas por independência.

Nascido em 1930, o escritor nigeriano Chinua Achebe viveu grande parte de sua vida dentro do contexto colonial. Assim, Achebe esteve em contato com dois sistemas de referência distintos: o tradicional mundo Igbo, com as suas estruturas e organizações complexas; e a modernidade trazida pelo homem europeu. Filho de pai catequista, Achebe foi inserido, desde a primeira infância, no contexto britânico: educado em inglês, estudos regulares da Bíblia e escolas missionárias (Chagas, 2022, p. 02).

Dentre os marcos mais importantes da história da Nigéria, destaca-se a Guerra de Biafra. E o escritor Achebe teve sua inserção na busca pela independência política e identitária de seu povo, de seu lugar.

Outro processo histórico que também pode ser usado para entender a forma como o escritor nigeriano pensava, é a tentativa de implantação de um estado Ibo independente da Nigéria, o que deu início a uma sangüinária guerra civil de 1967-1970, a Guerra de Biafra. Nesse contexto, Achebe participou como ativista defensor da causa da independência, uma tentativa singular de implantação de um estado étnico no continente africano. Então, pode-se entender que a narrativa achebiana também reivindica a singularidade do seu povo, reivindica uma identidade que não é diferente somente do europeu, mas de outros povos africanos que foram, através da política de gestão territorial do governo britânico, alocados como se fizessem parte de uma mesma nação, evidenciando assim as complexidades intracontinentais africanas (Barbosa; Gomes, 2018, p. 7).



Ao descrever a biografia de Achebe, Cruz (2018) destaca outras funções profissionais em que o autor atuou, o que pode ter colaborado para construir a expansão do alcance da sua obra:

Chinua Achebe é considerado um dos autores nigerianos mais conhecidos no exterior. Sua obra foi traduzida para diversas línguas, tal como *O mundo se despedaça*, que já podia ser lido em treze idiomas. De origem ibo e nascido em 1931, Achebe foi professor, tendo ensinado literaturas africanas em várias universidades. Além disso, dedicou-se à organização dos programas internacionais da Rádio Nacional da Nigéria. Os escritos de Achebe retratam dois momentos: a África colonial e a África atual (Cruz, 2018, p. 214).

Chamando a atenção para as contranarrativas, Barbosa e Gomes (2018) buscam valorizar os olhares por dentro, como forma mais apropriada de se estudar as temáticas em torno dos estudos africanos e, especificamente, a obra *O mundo se despedaça*. Enfim, Achebe vem expor a sua topofilia, que Thuan (1980) define como a afeição pelo lugar, numa obra que anuncia o descontentamento com as interferências externas e um desejo de valorizar sua terra, seu povo, sua história.

#### **4 O que se deserda e o que se resiste em *O mundo se despedaça***

A fortuna crítica que se volta aos estudos acerca da obra de Chinua Achebe possui constituições que demonstram a riqueza de possibilidades interpretativas da obra. Desse modo, ao buscar construir uma revisão de literatura sobre o tema, é possível encontrar fontes de pesquisa sobre o passado e o presente africanos, os costumes do povo *igbo*, a língua e os caracteres da linguagem, as tradições religiosas, colonialidade e resistência, entre outros. Em estudo sobre a “Coleção autores africanos”, Clauber Cruz (2018) destaca o projeto literário que ajudou a disseminar as literaturas africanas no Brasil, incluindo diversos autores, de diversos países da África. A coletânea começou a ser organizada na década de 70:

Esta série literária pioneira foi de grande importância para a disseminação sistêmica das produções africanas no Brasil e, por sua vez, para o surgimento da área de estudos, visto que a antologia primou pela qualidade dos textos e pela construção de um projeto editorial diferenciado, pois os elementos paratextuais, como prefácios, glossários, notas de rodapé, bibliografia, biografia e ilustrações, foram essenciais no que diz respeito à inserção do leitor a este então recém-universo literário que chegava ao país.

Ao total, foram publicadas 27 obras que compuseram um panorama significativo do que de melhor se havia produzido em termos literários na época. Autores como Pepetela, Manuel Lopes, Chinua Achebe, Chems Nadir, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Cyprian Ekwensi, Nurrudin Farah, Djibril Tamsir Niane, Sembème Ousmane, Teixeira de Sousa,

Baltasar Lopes, entre outros, tiveram suas obras lançadas pela primeira vez no Brasil por meio desta antologia (Cruz, 2018, p. 14).

Especificamente sobre a obra aqui analisada, Cruz (2018) detalha que o romance fora publicado originalmente sob o título *Things fall apart*, em Londres, em 1958, e traduzido para 13 línguas, tais como, alemão, italiano, russo, esloveno, hebraico, espanhol, francês, lituano, norueguês, africâner, sueco, iorubá e uzbeca. Destaca, ainda, que a companhia Eldred Fiberesima Production, em Lagos, fez uma adaptação do romance para o teatro, em 1964. Traz também uma sinopse inicial da narrativa:

Em *O mundo se despedaça* apresenta-se a história da sociedade ibo, protagonizada pelo valente guerreiro Okonkwo. Por meio de um fluxo narrativo articulado, percorremos a representação de uma sociedade cercada pela magia e pelas tradições locais que compõe a configuração identitária dos integrantes que vivem em suas aldeias e *compounds* - conjunto de habitações onde mora uma família, normalmente cercada ou murada. Okonkwo queria ser diferente de seu pai, o preguiçoso e imprevidente Unoka, assim, precisava vencer os obstáculos não ultrapassados pelo seu progenitor para construir uma nova história para si e para seus herdeiros. Contudo, devido a sua personalidade forte e destemida, e por forças do destino, foi banido de sua aldeia e mandado ao exílio por sete anos após um assassinato.

Neste período, com a presença de homem branco e seus missionários, parte de da população de sua aldeia cedeu aos encantos destes novos costumes, inclusive um de seus filhos, Nwoye, que se tornou adepto ao grupo de missionários. Deste modo, Umuófia desmoronou em face dos choques entre os valores da tradição local e dos costumes trazidos pelos missionários europeus (Cruz, 2018, p. 214-215).

O sucesso do romance pode também ser observado inclusive por serem ele e seu escritor mencionados em outra obra literária africana de sucesso, *Adeus, Gana*, de Taiye Selasi, que nasceu em Accra, capital ganense, mas também tem ascendência nigeriana e relações com Nova York, Berlim e Roma.

Olu estava comendo fatias de maçã, tão saudável aos catorze anos, lendo *O mundo se despedaça*, o único sinal visível da sua angústia crescente sendo o sobe e desce de seu fêmur [...].

Ele se sentou ao lado do filho e pôs a mão em seu joelho. Olu abandonou Achebe e olhou para o joelho como se só então tivesse percebido que estava balançando a perna (Selasi, 2021, p. 29-33).

A análise de José Macedo (2019), com o título “Chinua Achebe: a morte da cultura local”, destaca os principais motes temáticos da obra, incluindo rituais, alimentação, organização social familiar, política. Para ele, Achebe introduz elementos da tradução oral, como mitos, contos e provérbios, e retrata valores morais normalmente incompreensíveis para os brancos. Vale salientar que os aspectos religiosos ganham grande espaço na narrativa, assim como em suas análises críticas:



**O primeiro aspecto** a ser destacado em *O mundo se despedaça* diz respeito ao modo de disposição da sua estrutura narrativa. O seu núcleo central não gira em torno da ocupação colonial inglesa, mas de Okonkwo, importante chefe de família na aldeia de Umuófia. Okonkwo, suas três esposas, seus filhos e filhas, seus aliados no clã, e seus adversários e concorrentes, apresentados em seu cotidiano a partir de seus códigos de convivência, permitem ver um quadro muito vivo de uma sociedade organizada e hierarquizada, desprovida de um poder central, estruturada em rígidos padrões de comportamento alicerçados em tradições religiosas. Apenas no final do livro o leitor é levado a perceber a fissura profunda ocasionada pela chegada dos brancos, alimentada em parte nas próprias contradições já existentes, mas que afloraram durante o trabalho de conversão dos missionários cristãos (conquista espiritual) e da ação dos administradores coloniais (conquista política) (Macedo, 2019, p. 30-31).

Barbosa e Gomes (2018) salientam o valor documental do romance, por ter sido publicado dois anos antes da Independência da Nigéria. Nesse sentido, numa ação de resistência, Achebe denuncia a imposição dos costumes ocidentais:

Achebe se preocupa com a produção de um retrato sobre África e sobre os africanos, diferente da produzida pelos colonizadores. O próprio Chinua Achebe aponta para a necessidade de que “os negros precisam fazer é recuperar o que lhe pertence – sua história – e narrá-la eles mesmos” (ACHEBE, 2009, p. 84). A representação que Chinua Achebe vai fazer do povo Ibo e dos seus costumes é uma tentativa de dizer que há uma riqueza cultural em cada povo nos quais os europeus só viram/produziram estereótipos de selvageria; que havia uma profunda riqueza espiritual, material e social que foi despersonalizada, vilipendiada pela narrativa colonizadora (Barbosa; Gomes, 2018, p. 19).

A análise da obra, aqui pretendida, tem como principal questionamento a identificação de aspectos que indiquem a ligação ao passado e a chegada do presente, que figurariam como uma resistência ou deserção, a depender de como os fatos se encaminham na história. Aderir à proposta religiosa e linguística europeia poderia ser considerada uma ação de desistência, por um lado, mas o reconhecimento de que a história pode ser mudada a partir de um resgate, por ser considerado uma desobediência a tal imposição.

A valorização das ancestralidades apagadas por colonizadores é o que Chagas (2022) aponta como característica marcante da obra de Achebe. O autor reivindica a reinterpretação do passado, quebrando estereótipos advindos do discurso colonial com seu poder de opressão.

Um dos aspectos que muito chama a atenção do leitor, principalmente aquele que desconhece outras formas de formação familiar, que não as praticadas pelo Ocidente, é a abordagem das diferenças culturais entre o homem e a mulher na obra, o que configura mais uma dualidade em destaque neste estudo. Nesse sentido, Illauanna Silva (2017), em “A dualidade do masculino e feminino em *O mundo se despedaça*”, analisa principalmente a diferença de tratamento e de permissões

associadas ao homem e à mulher. Há comportamentos descritos na narrativa que, para a sociedade tradicional ocidental, seriam considerados machistas e até inaceitáveis, enquanto para a sociedade descrita na obra seriam considerados parte de seu cotidiano e inquestionáveis.

Um exemplo é a cerimônia de visita de um vizinho, em que o visitante deve levar vinho de palma e noz de cola, por uma questão de respeito e tradição, e entre as pessoas presentes, a mais velha deve ser a primeira a provar do vinho, desde que seja homem. À parte da cerimônia de visita, o rito de beber o vinho também deveria seguir a tradição de o homem da casa sempre tomar primeiro, em seguida todos os presentes deveriam beber, iniciando sempre do mais velho, e por fim, suas esposas dariam sequência, começando também sempre da esposa mais velha, geralmente a primeira esposa. No romance, isso acontece quando Anasi, não se encontra em casa durante um rito de beber vinho, e a demais esposas deveriam aguardá-la para poder tomar o vinho. “Anasi era a primeira mulher e as outras não podiam beber antes dela” (Achebe, 1958, p. 40 *apud* Silva, 2017, p. 07).

Silva (2017) evidencia que aquela é uma sociedade patriarcal e, como tal, ter um filho homem é motivo de celebração, por denotar virilidade. No lado oposto da posição masculina privilegiada, está a mulher, que se penaliza por conceber uma menina. São muitos os trechos da narrativa que ratificam essa ideia:

A menina sentou-se com as pernas estendidas. Okonkwo principiou a comer, sem prestar atenção ao que fazia. “Ela devia ter nascido menino”, pensou, contemplando a filha de dez anos. [...] Com uma das mãos Ezinma pegou a tigela de comida e com a outra a cumbuca vazia, e regressou à cabana da mãe. “Ela deveria ter nascido menino”, tornou a pensar Okonkwo. [...] Se Ezinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz [...] (Achebe, 2019, p. 56 - 57).

Irinêo Batista Neto (2009), em artigo no qual classifica a obra *achebiana* como um romance seminal da literatura nigeriana, também destaca o papel da mulher na tribo *igbo*. Ele descreve que cada capítulo parece retratar um dos costumes que orientavam a rotina daquele povo, como a obrigação da esposa mais jovem de preparar a refeição de Okonkwo, no fim do dia, ao voltar do trabalho.

No entanto, o que impressiona é a reação do protagonista, quando descobre que a mulher não está lá, não fez a comida e deixou os filhos com outra esposa, tudo pela vaidade de cuidar dos cabelos com uma mulher da tribo: o homem encontra a mulher e lhe dá uma surra inesquecível. O problema é que eles viviam a “Semana da Paz”, quando todos evitam a violência em nome dos deuses da bonança, responsáveis pela fertilidade da terra e pelo futuro das plantações.

A verificação que se faz é de que Okonkwo teria desrespeitado a “lei” do lugar, atraindo má sorte para todos na aldeia, e precisaria ser punido. Para Batista Neto (2009), por mais que se saiba que cada povo tem seus costumes, e que é preciso

respeitá-los, a narrativa de Achebe desafia o leitor ao representar ações consideradas violentas. O conflito chega ao seu ápice quando Achebe narra que a punição de Okonkwo é o sacrifício de seu filho, Ikemefuna, que não é filho de sangue, pois veio de outra tribo depois de perder a família num conflito entre povos, mas por quem Okonkwo criou afeto.

Ao se pensar acerca dos aspectos referentes à linguagem e ao estilo literário adotados por Achebe, considera-se a importância destes aspectos para a compreensão de uma obra que tem, nas informações culturais e identitárias de um povo, o seu centro de compreensão. As escolhas feitas pelo ficcionista demonstram a intencionalidade de valorização de sua história; do mesmo modo, o estilo de escrita escolhido e executado reflete um modo de contar histórias próprio de seu povo, incluindo a valorização da oralidade e sua riqueza.

Nesse sentido, remete-se a Fanon (2008), quando relaciona diretamente às consequências da colonização a forma como a linguagem é tomada, interpretada e usada: “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (Fanon, 2008, p. 34). Esse posicionamento pode ser identificado em Achebe, quando se percebe as suas escolhas lexicais, a fidelidade aos antropônimos próprios de sua tribo *ibgo*, como os nomes dos personagens Ikemefuna, Okonkwo, Nwoye, Unoka, Ogbuefi, Obodoani; além do uso recorrente de provérbios, que carregam ainda importantes informações identitárias.

Cruz (2018) cita Santilli (1985) ao argumentar que, assim como outros autores africanos de destaque, Achebe busca abandonar os traços característicos do colonizador para fidelizar-se ao modo de vida de seus semelhantes, inclusive em se tratando de elementos linguísticos:

Boaventura Cardoso, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Chinua Achebe, entre outros, aproximaram as suas narrativas dos espaços locais representados, quer no nível da construção narrativa, quer no da linguagem. Esta, por sua vez, encontrava-se em fase de modalização, isto é, deixaria de ser uma estrutura linguística somente do dominador e passaria a ser um meio de comunicação entre “a gente do povo”, isso ao utilizar-se como recurso a “criação da imagem por meio da fala africana”, aproximando esses elementos da escrita (Santilli, 1985, p. 92 apud Cruz, 2018, p. 14).

Numa análise mais apurada das técnicas de escrita assumidas por Achebe, Cruz (2018) ressalta a fidelidade do autor a seu povo como uma atitude de resistência, que se mostra no decorrer da narrativa aqui analisada, principalmente pela valorização de uma ancestralidade, que é passada entre as gerações a partir das tradições orais.

Com relação às técnicas de estilo, o próprio trabalho linguístico demonstrou como as línguas que já existiam nos países transpuseram-se para o texto literário, de modo a provocar a intersecção entre a língua colonial, mais as línguas locais, cujo resultado demonstrou a fusão linguística como uma nova configuração da língua. A estratégia literária, portanto, surgiu como um elemento de resistência, uma vez que a língua do colonizador foi modalizada com as locais (Cruz, 2018, p. 229).

Como antes mencionado, os provérbios ocupam importante espaço em *O mundo se despedaça*. Eles ajudam a compreender algumas ações da narrativa, através de metáforas que representam o modo de pensar e agir do povo ali representado. Dotados predominantemente de conteúdo moral, portanto carregados de normas sociais, os provérbios ocupam muitos dos diálogos presentes na narrativa em análise. Segundo Batista Neto (2009), o modo como Achebe escreve parece refletir a tradição oral do povo sobre o qual fala. Na descrição de Costa e Silva (2022), os *ibos* amam a eloquência e têm o dom da palavra no mais alto conceito, além de jogar com palavras e adorar provérbios.

Retomando a ideia de resistência, evidencia-se, aqui, a tradição de uso de provérbios, como enfatiza Silva (2022, p. 4):

Os provérbios são, na narrativa das sociedades tradicionais africanas, formas de transpassar suas crenças, de maneira que seus valores não se percam através do tempo. Tal feito é desenvolvido mediante a uma manifestação cultural de vasta importância conhecida como tradição oral, que permite o repasse das crenças de um povo por meio das narrativas de geração para geração.

Em *O mundo se despedaça*, há até mesmo provérbios que são mencionados num exercício metalinguístico, como neste exemplo, em que o autor, assim como seu povo, os valoriza através de uma metáfora carregada de significados culturais, envolvendo a valorização da palavra, da oralidade, e da alimentação para aquela comunidade: “Os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas” (Achebe, 2019, p. 27).

Algumas das situações, que suscitam os personagens da obra a proferirem os provérbios, podem ser representadas por muitos outros, a depender do espaço geográfico e do momento histórico. Na obra, quando pedem a Nwakibie parte de seus inhames, o mesmo usa um provérbio para demonstrar a importância da colheita e do trabalho em torno dela: “Desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a pontaria, o pássaro aprendeu a voar sem pousar” (Achebe, 2019, p. 42).

Num trecho em que novamente os diferentes papéis, que ocupam o masculino e o feminino assumem destaque na obra, outro provérbio chama a atenção, por abordar a temática da maternidade e a valorização de uma desejada masculinidade para Nwoye, e um estranhamento pelo temperamento não associado ao feminino de Ezinma, filho e filha de Okonkwo, respectivamente: “Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo” (Achebe, 2018, p. 58).

Em outro momento, Okonkwo argumenta que “Os dedos de uma criança não se queimam com um pedaço de inhame quente que a mãe coloca na palma de sua mão” (Achebe, 2018, p. 86). Nesse trecho, o narrador associa o provérbio a um ato que se justificava por razões religiosas, como se não fosse possível questionar.

Num dos episódios mais marcantes da obra, por ser a atitude dos protagonistas algo considerado de extrema violência e inaceitável na tradição ocidental, que é a necessidade de destruição dos gêmeos, um outro provérbio toma parte da narrativa. Neste momento, o provérbio vem explicar que a permanência daqueles que representam uma mácula pode trazer grandes consequências para a toda a comunidade: “Se um dedo estiver sujo de óleo, manchará os demais” (p. 145).

Na contramão da resistência, a obra menciona também a deserção, quando Okika reivindica aos filhos de Umuófia a fidelidade às suas tradições. O personagem argumenta que a obediência aos forasteiros significa o desrespeito aos seus antecessores:

— Esta é uma grande reunião. Nenhum outro clã pode se gabar de possuir maior número de gente ou maior coragem. Mas estaremos todos presentes aqui? Pergunto a vocês: todos os filhos de Umuófia estão aqui hoje?

Um longo murmúrio percorreu a multidão.

— A resposta é não — continuou Okika. — Nosso clã foi rachado e muitos membros tomaram caminhos diversos. Nós, os que aqui estamos esta manhã, permanecemos fiéis a nossos antepassados, porém alguns de nossos irmãos desertaram, juntando-se a um forasteiro para enodoar a terra de seus pais. Se lutarmos contra o forasteiro, teremos de combater esses nossos irmãos e talvez derramemos o sangue de membros do clã. Devemos, contudo, fazê-lo. Nossos pais jamais imaginaram, nem em sonhos, que algo semelhante pudesse acontecer, pois jamais mataram seus irmãos. Mas nunca houve um homem branco no meio deles. Por isso precisamos fazer o que nossos pais nunca fariam (Achebe, 2019, p. 150).

A rachadura que Okika menciona salienta algumas contradições humanas, como quando considera que, mesmo um desertor merece perdão e acolhimento, pois não deixa de ser um dos seus, mas que aquela era uma atitude nunca antes vista na aldeia. Aqui, há a presença da desistência de alguns, em oposição à resistência de outros.

## Considerações finais

*O mundo se despedaça* é uma obra que permite explorar reflexões sobre gênero, identidade, cultura, resistência. O romance é uma produção ficcional com tom memorialístico que, numa Nigéria do século XVIII, retrata o povo *igbo*, com clãs, linhagens, poligamia, misoginia ou machismo, escravos. Esta é uma comunidade, a exemplo, em que é costume acertar o preço da noiva, pagos em pequenos sacos até o limite que o pai da noiva aceitar.

Em Umuófia, muitas ações peculiares são descritas: uma esposa morreu quando estava cuidando do corpo do marido morto, mas a aldeia precisou esperar enterrar a mulher antes do funeral do homem, porque é esta a ordem na hierarquia estabelecida pelos ancestrais *igbo*. Ali, uma criança não pode comer ovo, porque é algo que, para eles, incita ao roubo.

O embate entre a cultura europeia e a cultura africana fica exposto em destaque: quando, na narrativa, os *igbo* matam um “albino” que chegou num “cavalo de ferro”, pois, como anuncia o próprio Achebe, a gente de sua aldeota não sabia do mar nem do homem branco; também quando aquele povo acredita que, em vingança divina, toda a aldeia fora destruída, ou seja, o momento em que o mundo se “despedaça”. A chegada desse estrangeiro traz, entre outros elementos que poderiam ser considerados os responsáveis por uma possível aculturação, mandioca, facão, arma de fogo, rapé, numa Umuófia acostumada ao cultivo de inhame, ao consumo do vinho de palma e da noz de cola.

As contradições e divergências que emergem ao interpretar a narrativa demonstram diversos conflitos entre culturas, a exemplo do momento, na obra, em que uma criança é destinada a ser retalhada, num mesmo contexto em que é considerado um absurdo matar uma jiboia. Essa inserção estrangeira traz ainda seus missionários e a busca pela conversão.

Outro destaque que se faz necessário na interpretação da narrativa analisada se encontra no respeito às deidades, que tomam importante espaço na obra. As questões religiosas se tornam parceiras da força e da fraqueza do homem ali representado, que traz algo de bem e de mal, de admirável e de condenável.

A simbologia das distinções que representam títulos de autoridade naquele povo está em objetos relativamente simples, como uma tornozeleira, um bastão, ou um tamborete. Por outro lado, esta é uma obra que menciona gestos elaborados, complexos, como a floresta maldita, onde as abominações, que seriam os gêmeos, os doentes de inchaço, as crianças perversas, devem ser abandonadas.

Em suma, utilizando-se de um estilo narrativo repleto de repetições, provérbios, metáforas, ao modo da contação de histórias, Chinua Achebe, ao narrar *O mundo se despedaça*, o seu mundo, lança mão de importantes estratégias discursivas para alcançar seu objetivo, de resistir, de se impor, de mostrar suas próprias riquezas, pois não pode “morar à margem do rio e lavar a mão com cuspe” (Achebe, 2018).

## **DESERTION AND RESISTANCE OF THE NIGERIAN IDENTITY AT THE WORLD IS SHREDDED (THINGS FALL APART), BY CHINUA ACHEBE**

**Abstract:** This study aims to understand resistance marks of Nigerian identity from the analysis of the work *O mundo se despedaça* (*Things fall apart*), by the Nigerian writer Chinua Achebe. Among



*the theoretical aspects that guide the analyzes, are the discussions about the concepts of coloniality, Eurocentrism and recognition, important themes for the understanding of the work. African author born in Ogidi, Nigeria, Achebe transcribes in his work the context in which he and his ancestors lived, seeking to portray an Africa from it. The analyzes identify elements that represent the defection of part of the Igbo people, when they submitted to the “invitation” of the colonizers; and the resistance, by portraying customs that are still maintained in that context and by recovering the use of linguistic aspects in the writing of the narrative itself.*

**Keywords:** *resistance; identity; Nigeria; African literature.*

## Referências

ACHEBE, Chinua. *O Mundo se Despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. Porto Alegre: Companhia das Letras/TAG, 2019.

BARBOSA, Lázaro de Souza; GOMES, Pedro Alberto Cruz de Souza. “O mundo se despedaça” na sala de aula: contranarrativas, olhares por dentro e o ensino de história (da África) e literatura. *Periferia*, vol. 10, núm. 1, Rio de Janeiro, p. 140-158, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/5521/552157593008/html/index.html>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

BATISTA NETO, Irineo. O mundo se despedaça. Companhia das Letras publica um romance seminal da literatura nigeriana, em que Chinua Achebe retrata o cotidiano de uma tribo africana. *Gazeta do povo*, Caderno G - Literatura, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-mundo-se-despedaca-bzav0b39vzhxuduulk4qtw18u/>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CHAGAS, Alessandra Santos. Literatura, imagem e resistência: o mundo se despedaça e o resgate das memórias ancestrais. *Sankofa* (São Paulo), v. 15, n. 26, p. 74-93, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2022.194849>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

CRUZ, Clauber Ribeiro. *A coleção de autores africanos da editora Ática: as literaturas africanas no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOUNTONDI, Paulin Joseph. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

MACEDO, José Rivair. Chinua Achebe: a morte da cultura local. *Revista TAG Curadoria*, Porto Alegre, RS, out. 2019.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Introdução aos estudos literários*. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

QUIJANO, Anível. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SELASI, Taiye. *Adeus, Gana*. Trad. Isadora Prospero. São Paulo: Planeta, 2021.

SILVA, Ilauanna Teles. A dualidade do masculino e feminino em O mundo se despedaça. Anais Eletrônicos... *SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇADO SEXUALIDADES*, Revista ENLAÇANDO, Editora Realize, Salvador – BA, set. 2017. Disponível em: <[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA16\\_ID1175\\_16072017133133.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1175_16072017133133.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SILVEIRA, Daniel et al. O livro indicado. O mundo se despedaça, de Chinua Achebe. *Revista TAG Curadoria*, Porto Alegre, RS, out. 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

*Recebido em 10 de julho de 2024*

*Aprovado em 02 de outubro de 2024*